



FÓRMULA DA ALIANÇA E O POVO DE DEUS EM APOCALIPSE 21.3 E 7 EM RELAÇÃO A GÊNESIS 17.7-8

Wang Yong Lee¹

RESUMO

O presente artigo busca esclarecer a identidade do povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7 em relação a Gênesis 17.7-8 por meio da fórmula da aliança, que indica: “Eu serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo.” Basicamente, a relação de aliança no Antigo Testamento sempre se refere aos israelitas, entre Deus e o seu povo, Israel. Contudo, Apocalipse 21.3 não parece seguir a descrição típica da outra parte da aliança, o povo de Israel. Com base em Apocalipse 5.9-10 e 7.9, o autor do Apocalipse designa a identificação do povo como sendo de “toda tribo, língua, povo e nação.” Este artigo, concentrando-se na primeira fórmula da aliança, em Gênesis 17.7-8, e na última fórmula da aliança, em Apocalipse 21.3 e 7, na Bíblia, esclarece quem é o povo de Deus por meio da relação de aliança encontrada nas duas passagens. Primeiramente, este artigo aborda a origem e a função da fórmula da aliança nas Escrituras, partindo do conceito básico da própria aliança. Em segundo lugar, o artigo analisa a relação entre Apocalipse 21.3 e 7 e Gênesis 17.7-8 em conexão com a presença de Deus entre os homens e, em seguida, com os vencedores por meio da fórmula da aliança.

Palavras-Chave: Fórmula da aliança; Vínculo; Povo; Tabernáculo; Nova Jerusalém; Vencedor

The Covenant formula and the people of God in Revelation 21.3 and 7 in relation to Genesis 17.7-8

ABSTRACT

The present paper attempts to clarify the identity of the people of God in Revelation 21.3 and 7 in relation to Genesis 17.7-8 through the covenant formula, which indicate, ‘I will be your God, and you shall be my people.’ Basically, the covenantal relationship is always pertaining to the Israelites in the Old Testament between God and his people, Israel. However, Revelation 21.3 does not appear to follow the typical way of descriptions of the other covenantal party, the people of Israel. Based on Revelation 5.9-10 and 7.9, the author of Revelation designates the identification of the people who are from “every tribe and language and people and nation.” This paper, focusing on the first covenant formula in Genesis 17.7-8 and the last covenant formula in Revelation 21.3 and 7 in the Bible, clarifies who are the people of God through the covenantal relationship between the two passages. First, this paper deals with the origin and function of the covenant formula in the Scripture with the basic concept of the covenant itself. Secondly, the paper analyzes the relation between Revelation 21.3 and 7 and Genesis 17.7-8 in connection with God’s dwelling among men, and then with overcomers through the covenant formula.

Keywords: Covenant formula; Bonding; People; Tabernacle; New Jerusalem; Overcomer

¹ Doutor. professor assistente de teologia na Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP).

RESUMEN

El presente artículo se propone dilucidar la identidad del pueblo de Dios en Apocalipsis 21.3 y 7 en relación con Génesis 17.7-8, partiendo del análisis de la fórmula del pacto, la cual establece: “Yo seré su Dios, y ellos serán mi pueblo”. Fundamentalmente, la relación pactal en el Antiguo Testamento se circunscribe a los israelitas, vinculando a Dios con su pueblo, Israel. No obstante, Apocalipsis 21.3 diverge de la descripción convencional de la contraparte del pacto. Basándose en Apocalipsis 5.9-10 y 7.9, el autor del último libro canónico identifica a dicho pueblo como proveniente de “toda tribu, lengua, pueblo y nación”. Mediante el examen de la primera fórmula del pacto (Gn 17.7-8) y de la última (Ap 21.3, 7), este estudio clarifica la naturaleza del pueblo de Dios a través del nexo teológico entre ambos pasajes. En primer lugar, se aborda el origen y la función de la fórmula del pacto en las Escrituras desde su concepto ontológico. En segundo lugar, se analiza la convergencia entre los pasajes citados en relación con la presencia de Dios entre la humanidad y, posteriormente, el estatus de los vencedores bajo la égida de la fórmula pactal.

Palabras clave: Fórmula del pacto; Vínculo; Pueblo; Tabernáculo; Nueva Jerusalén; Vencedor.

INTRODUÇÃO

O povo de Deus existe porque Deus existe. O conceito “povo de Deus”, em outras palavras, deriva apenas de Deus. As Escrituras retratam a relação entre Deus e Seu povo pelo conceito de aliança com o qual Michael Horton descreve bem a relação: “todos têm uma relação com Deus, e essa relação é de aliança... uma aliança é uma relação de ‘juramentos e laços’ e envolve um compromisso mútuo, embora não necessariamente igual” (Horton, 2006, p.10).¹

1 Entre muitos estudiosos da teologia da aliança, O. Palmer Robertson também dá sua própria definição em relação ao conceito de aliança de Horton, “Uma aliança é um vínculo em sangue administrado soberanamente.” Segundo Robertson, primeiro, “uma aliança é o que une as pessoas.” Segundo, “Ao iniciar alianças, Deus nunca entra em uma relação casual ou informal com o homem. Em vez disso, as implicações de seus laços se estendem às questões últimas da vida e da morte.” Terceiro e por último, “O Senhor soberano do céu e da terra dita os termos de sua aliança.” O. Palmer Robertson, *The Christ of the Covenants* (Phillipsburg: Presbyterian & Reformed Publishing Co., 1980), p.4, 7-8, 15. Peter A. Lillback também relaciona o conceito de aliança, explicando a concepção de Calvino da aliança na perspectiva da graça, “O auto-vinculamento de Deus com Sua ‘família’ escolhida foi o resultado da promessa de Deus de adotar um povo para Si mesmo. Assim, Calvino frequentemente associa ‘aliança’ com conceitos relacionados como vínculo ou união com Deus.” Peter A. Lillback, *The Binding of God: Calvin’s Role in the Development of Covenant Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001), p.138. Portanto, a característica de uma aliança bíblica inclui, 1) compromisso em uma relação muito íntima e vinculante entre Deus e Seu povo; 2) a obra graciosa permanente de Deus em relação ao Seu povo ao longo de toda a história, nos dois testamentos, com base em Sua fidelidade.

Essa relação de aliança entre Deus e Seu povo surge como uma expressão repetitiva e formalizada em toda a Escritura, o que é chamado de fórmula de aliança. Além disso, essa fórmula de aliança sempre apontava para um assunto específico das duas partes, o que indica apenas o povo de Israel nas Escrituras.² Interessantemente, no entanto, Apocalipse 21.3 não parece seguir o modo típico da fórmula de aliança nas Escrituras, especialmente em termos da identidade do povo de Deus. A fórmula de aliança, que é baseada em uma relação próxima, pressupõe uma pessoa, grupo e povo (ou nação) designados. Ou seja, a fórmula de aliança é a vontade de Deus que quer fazer uma relação especial com Seu próprio povo. Apocalipse 21.3, no entanto, ao escolher termos não especificados como *ton anthrōpōn e laoi*, parece fazer uma discrepância em termos da identidade do povo de Deus - entre as descrições do Antigo Testamento [AT] da fórmula de aliança e a de Apocalipse 21.3.

Este artigo questiona e responde quem é o povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7 em relação a Gênesis 17.7-8, por meio da fórmula de aliança. Para rastrear a identidade do povo de Deus, este artigo busca uma continuidade bíblica entre o AT e o NT no padrão

2 Cf. Êx 6:7; Lv 26:12; Dt 29:13; 2Sm 7:24; Jr 7:23; Ez 11:20; Zc 8:8.

hermenêutico de cumprimento de promessas. Gerhard Hasel apoia o enquadramento, dizendo “Um método adequado, então, inicialmente será uma tentativa de mostrar maneiras características pelas quais o AT leva adiante para o NT. O NT pode, então, com base nessa abordagem inicial, também esclarecer o conteúdo do AT” (Hasel, 1978, p.195).³ Em linha com o padrão hermenêutico, este artigo lida, primeiro, com o que é a fórmula de aliança em relação à sua origem e função nas Escrituras. Segundo, o artigo analisa como Apocalipse 21.3 e 7 se relaciona a Gênesis 17.7-8, em termos da habitação de Deus entre os homens e os vencedores, através da fórmula de aliança.

QUAL É A FÓRMULA DE ALIANÇA?

“Eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo ou vós sereis meu povo e eu serei vosso Deus (vihiyitem li lahm veanoki ehyeh lachem leElohim)” é conhecida como a chamada fórmula de aliança.⁴ Esta seção descobre o que a fórmula de aliança mostra em sua origem e função, e por que a fórmula de aliança desempenha o papel chave na conexão entre Apocalipse 21 e Gênesis 17. Para entender a fórmula de aliança nas Escrituras, é necessário examinar o conceito de uma aliança bíblica, que flui por toda a Escritura.⁵ Isso ocorre porque a pergunta “Qual é a fórmula de aliança?” é compreendida por uma

3 Hasel também diz: “Um padrão de continuidade extremamente significativo entre os Testamentos é o esquema de cumprimento de promessas. ... Dessa forma, o cumprimento tem um fim aberto, olhando para o futuro.” Hasel, 1978, p.193.

4 Cf. Êx 6:7; Lv 26:12; Dt 29:13; Jr 7:23; 11:4; 30:22; 31:1, 31; Ez 11:20; 14:11; 36:28; 37:23.

5 Há uma questão sobre o ‘número’ de uma aliança bíblica nas Escrituras por diferentes sistemas teológicos, como o dispensacionalismo e a teologia das alianças. A “aliança bíblica” acima não tem nada a ver com o argumento de seu número, mas significa uma aliança como um conceito principal em toda a Escritura. Quanto à questão do número, veja John H. Walton, *Covenant: God’s Purpose, God’s Plan* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p.47-62.

pergunta fundamental mais concreta: “Como deve-se definir a relação de aliança entre Deus e Seu povo e qual é o propósito e a função da aliança na relação?”⁶

CONCEITO DE ALIANÇA NA CIRCUNSTÂNCIA DO ANTIGO TESTAMENTO EM COMPARAÇÃO COM O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO⁷

É difícil definir o conceito de aliança nas Escrituras por uma frase ou ideia, porque há várias compreensões do conceito de aliança de acordo com diferentes interpretações.⁸ Entre muitas opções relativas à sua etimologia para conceber o conceito de aliança, Weinfeld sugere o substantivo acadiano biritu, que significa “abraço”, “feto”, o que também é apoiado pelos “termos acadiano e hitita para tratado: Akk. Riksu, Hitt. Ishiul, ambos significando ‘vinculação’” (Weinfeld, 1975, 2:255). De acordo com Weinfeld, berit opera como uma lei ou mandamento para amarrar cada parte da aliança, o que leva a um conceito de vinculação, conforme ele articula, “berith como um compromisso tem que ser confirmado por um juramento,” o que “dá à obrigação sua validade vinculante.”⁹

6 Robertson explica o conceito de uma aliança bíblica na perspectiva da teologia das alianças: “É estabelecer uma unidade entre Deus e seu povo. Essa unidade, que foi interrompida pela entrada do pecado, deve ser reconstituída através da aliança da redenção, ‘Eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo,’ funcionando como o tema central unificador da aliança, sublinha o papel da unidade como a essência do objetivo da aliança.” Robertson, *Covenants*, 293-94. De outra perspectiva, Walton afirma que a relação de aliança entre Deus e Seu povo é para revelar o próprio Deus. Ele afirma: “Deus empreendeu como objetivo principal um programa de auto-revelação. Ele quer que as pessoas o conheçam. O mecanismo que impulsiona esse programa é a aliança, e o instrumento é Israel.” Walton, *Covenant*, p.24.

7 No artigo, o foco está no conceito de aliança em si, não na aliança de obras e graça, que é a ideia principal da teologia das alianças.

8 Jones e Tarwater compreendem as diferentes abordagens do conceito de aliança por vários tipos de visão, como aqueles que investigam a teologia federal, a narrativa do AT e a relação entre as alianças bíblicas e os tratados semelhantes do antigo Oriente Próximo. Veja David W. Jones e John K. Tarwater, “Are Biblical Covenants Dissoluble?: Toward a Theology of Marriage,” *Southwestern Journal of Theology*, vol. 47 no. 1 (2004): p.2.

9 *Ibid.*, p.256. G. L. Archer Jr. concorda com Weinfeld em termos do significado original do berit, “Assim, um berit originalmente significaria

Esse vínculo ou conceito de vinculação da aliança é bem reconhecido no Antigo Oriente Próximo [AOP]. Roy Beacham introduz a aliança como um instrumento legal, dizendo: “Fundamentalmente, as alianças do AOP eram instrumentos legais. Como qualquer documento formal e contratual, convenções rigorosas cercavam sua criação, implementação, execução e perpetuação” (Beacham, 2011, p.111). Lucas G. Freire, que afirma que “as relações internacionais do antigo Oriente Próximo operavam dentro de estruturas de aliança”, também apoia o conceito de vinculação da aliança mesmo em forma oral: “As alianças eram tratados não apenas escritos, mas também realizados como juramentos cerimoniais solenes” (Freire, 2013, p.129-30). Freire enfatiza a rigorosidade da aliança como um juramento. De acordo com Freire, “os juramentos, invocando as divindades como testemunhas dessa maneira, caracterizam uma distinção crucial entre as alianças e outros contratos da época.”¹⁰ Portanto, o conceito de aliança vincula ambas as partes aos serviços mútuos. Em outras palavras, a aliança é um “pacto ou acordo entre duas partes que as vincula mutuamente a empreendimentos em nome uma da outra” (Archer, 2001, p.299). Embora o conceito de vinculação mútua da aliança se aplique tanto à Escritura em geral quanto ao AOP, o conceito de aliança reconhecido pelas circunstâncias bíblicas é um pouco diferente do AOP. Quando as “partes contratantes estavam em um nível completamente diferente”, uma parte que é superior à outra, com base na aliança, “anuncia seu decreto governamental ou constituição que ele achou melhor impor àqueles sob ele.”¹¹ Certamente, a relação de aliança do AOP inclui o conceito de suzerano-vassalo (superior-inferior) também.¹²

uma relação entre duas partes em que cada uma se comprometia a realizar um certo serviço ou dever para o outro.” Walter A. Elwell, ed., *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001), s.v. “Covenant” por G. L. Archer Jr.

10 *Ibíd.*, p.143. Cf. Weinfeld, 1975, p.257.

11 *Ibíd.*, p.299.

12 Para mais informações sobre suzerano-vassalo, veja Beacham, 2011, p.116-9; Horton, 2006, p.24-5.

No entanto, em termos da bondade amorosa de Deus e Sua graça e misericórdia provenientes de Sua soberania ao longo do AT, é o fundamento mais poderoso para manter a circunstância da aliança entre Deus e Seu povo.¹³ Quanto ao resultado do pacto bíblico por partes desiguais, Archer destaca: “Neste caso, o pacto constituía um anúncio divino da santa vontade de Deus de estender os benefícios de sua graça imerecida àqueles que estavam dispostos a recebê-los por fé, e que, ao entrar em um compromisso pessoal com Deus, se ligavam a Ele por laços de obrigação absoluta.”¹⁴

Roy Beacham não se concentra apenas no aspecto de vínculo do conceito de pacto, mas destaca que os elementos fundamentais dos pactos do Antigo Oriente Próximo incluem também a relação. Em particular, a identidade de cada parte, especificada pelo nome, é tão importante que “apenas as partes contratantes declaradas participaram diretamente das responsabilidades e benefícios do pacto.”¹⁵ Ele continua a enfatizar a exclusividade das partes do pacto: “Por natureza e designo, os pactos eram exclusivos: estabeleciam uma relação absoluta e única de fidelidade entre as partes contratantes.”¹⁶ Assim, os “pactos foram promulgados com o propósito de criar relações formais, únicas e vinculadas.”¹⁷ Embora os pactos do Antigo Oriente Próximo pareçam traçar uma imagem fria e rigorosa da relação entre as partes contratantes, e mesmo que haja uma “semelhança notável entre o pacto de Deus com Israel e o tipo de tratado internacional de vassalagem (também

13 Em termos da bondade amorosa de Deus nas circunstâncias da aliança, Michael Horton afirma que as alianças do suzerano (o grande rei) e vassalo (o rei menor) do AOP “não eram meros contratos legais, mas envolviam as mais profundas afeições.” Horton, 2006, p.25. No entanto, há uma diferença qualitativa na realização de uma aliança entre eles. Basicamente, a bondade amorosa de Deus para a parte humana da aliança é incondicional e eterna. Weinfeld diz: “... então Abraão e Davi são chamados de amores e amigos de Deus. As promessas a Abraão e Davi, que originalmente eram incondicionais, foram entendidas como condicionais apenas em um estágio posterior da história israelita.” Weinfeld, 1975, p.272.

14 *Ibíd.*, p.300.

15 Beacham, 2011, p.113.

16 *Ibíd.*, p.113.

17 *Ibíd.*, p.115.

chamado de vassalo) encontrado no antigo Oriente Próximo” (Kline, 1963, p.13), o pacto bíblico é baseado na misericórdia, amor constante e verdade de Deus, o que significa “ser fiel ou cumprir uma promessa” (Roehrs, 1977, p.30). Mesmo que tanto os pactos do Antigo Oriente Próximo quanto os pactos bíblicos mostrem a característica relacional do pacto, há uma diferença significativa entre eles: Deus não é como os seres humanos e Deus cumpre Sua promessa fielmente em Sua bondade amorosa.¹⁸ O fato importante é que é na fórmula do pacto que a relação de fidelidade e bondade amorosa de Deus ocorre claramente.¹⁹ Portanto, é necessário investigar particularmente a fórmula do pacto, sua origem e função.

FÓRMULA DO PACTO: SUA ORIGEM E FUNÇÃO

Na seção anterior, este artigo tratou do conceito de pacto em geral e destacou sua característica bíblica: vínculo mútuo com relação fiel baseada na bondade e misericórdia de Deus. Como mencionado acima, a característica bíblica do pacto, que é vinculativa e relacional, brilha na fórmula do pacto. Então, qual é a fórmula do pacto, sua origem e função? A fórmula do pacto é “uma das declarações centrais do Antigo Testamento” (Rendtorff, 1998, p.11). Rendtorff afirma que “Rudolf Smend foi o primeiro a submeter essa fórmula a uma investigação mais detalhada, e através de seu estudo o termo ‘fórmula do pacto’ passou a ser uma designação geralmente usada” (Rendtorff, 1998, p.11). No entanto, como a fórmula do pacto de Smend restringe sua forma apenas à fórmula bilateral:²⁰ ‘Eu serei o seu Deus, e vocês serão o meu povo’, Rendtorff sugere a fórmula do pacto em três versões: “(1) ‘Eu serei

Deus para você’; (2) ‘Você será um povo para mim’; (3) onde as duas declarações são combinadas em uma única fórmula, embora aqui a sequência dos dois elementos mude.”²¹

De acordo com os estudiosos do Antigo Testamento, a fórmula do pacto tem duas categorias em geral como sua origem e contexto: (1) Fórmula do Cliente; (2) Fórmula do Matrimônio. Primeiro, Robert McClive Good, ao argumentar que a fórmula do matrimônio e adoção carece de evidências para ser a origem da fórmula do pacto, afirma: “Pelo menos é justo dizer que tal fórmula deve ser modelada após uma fórmula mais usual, a adoção de uma tribo por um indivíduo, uma ‘fórmula de cliente’” (Good, 1983, p.82). Good explica que um cliente que se junta à sua própria tribo, ao afirmar fazer uma conexão com a tribo estabelece uma relação de cliente, cujo conceito é encontrado na regra antiga dos árabes de clientela, “corda da barraca tocando corda da barraca.”²² Essa fórmula do cliente mostra uma forte conexão e relação entre ambas as partes. A Escritura também evidencia o conceito de se tornar uma tribo através da fórmula do cliente. Good apresenta dois exemplos adequados da Escritura: (1) Gênesis 34.16, “Habitemos convosco e seremos um só povo”; (2) Rute 1.16-7, “...A tua tribo é a minha tribo, o teu Deus é o meu Deus...”²³ Além disso, Good associa a fórmula do pacto ao tabernáculo de Deus. Logo, merece ser citado na íntegra:

A implicação de identificar a Bundesformel como uma fórmula de cliente deve ser clara. O tabernáculo de Yahweh é sua tenda; em Exodo 29.44-45, a fórmula é explicitamente ligada ao “tabernáculo de reunião”. Que uma fórmula de cliente circule com uma tenda é totalmente apropriado. A união

18 Is 55:8. O aspecto do pacto do Antigo Testamento é manifestado em algumas frases, “Deus sabe”; “Deus se lembra”; “Deus mantém Seu juramento”; “Deus é justo”; “Deus é fiel”; e “Israel se esquece e é infiel”. Roehrs apresenta algumas analogias para mostrar a relação de Deus com o homem como pai-filho, marido-esposa, rei-assunto. Veja Roehrs, 1977, p.31.

19 Veja Archer, 2001, p.300.

20 É por causa de suas pressuposições metodológicas. Veja Rendtorff, 1998, p.12.

21 Ibid., p.13. A classificação da fórmula do pacto de Rendtorff se encaixa tanto no texto quanto no contexto relativo à interpretação bíblica e teológica na Escritura. Para cumprir o propósito da tese, portanto, este artigo segue o conceito de Rendtorff da fórmula do pacto em três versões.

22 Ibid., p.83. Também, Good cita um poema chamado Almuthallam referente à relação da corda da barraca, “Nós cercamos suas barracas com nossas barracas, e eles se tornaram nossos ‘primos.’”

23 Ibid., p.83.

da tenda de Yahweh a Israel realiza exatamente o que a Fórmula do Pacto expressa: a adoção de uma tribo por sua nova divindade. A associação da fórmula e do tabernáculo, portanto, parece ser primária.²⁴

Em segundo lugar, Seock-Tae Sohn, ao argumentar “Tanto a proposta de Jacó quanto o pedido de Rute foram feitos no contexto do casamento”, afirma que a fórmula de casamento e adoção deve ser a origem e o contexto da fórmula do pacto (Sohn, 1999, p.357). Primeiro, ele menciona Jeremias 31.31-3 e explica que a fórmula do pacto em Jeremias 31 descreve Deus como marido e Israel como noiva, o que indica uma relação legal, bem como uma relação matrimonial.²⁵ Assim, responsabilidades e obrigações cercam a relação. A imposição de uma responsabilidade e obrigação ao próprio cônjuge na relação matrimonial pode ser aplicada a outras áreas como um conceito conectante, como política e religião. Weinfeld, ao afirmar que a fórmula do pacto “é uma fórmula legal retirada da esfera do casamento” diz: “A relação do vassalo com seu soberano e a da esposa com seu marido não deixam espaço para dupla lealdade e, portanto, são metáforas perfeitas para a lealdade em uma religião monoteísta.”²⁶ O comentário de Weinfeld em relação à fórmula do casamento implica que a origem da relação covenantal, ou seja, a fórmula do pacto, decorre de um forte conceito de exclusividade. Em relação à fórmula do casamento, Sohn apresenta que existem dois tipos do período da Babilônia Antiga: (1) Fórmula de Proclamação; (2) Fórmula Descritiva. A fórmula de proclamação, assim como o aspecto dos juramentos solenes no Próximo Oriente Antigo, assume três formas de proclamação: recíproca ou

mútua, unilateral e indireta. Em outras palavras, o casamento por proclamação pode ocorrer por meio de, (1) ambos, o noivo e a noiva, declararem sua relação matrimonial; (2) apenas um, noivo ou noiva, declarar a fórmula do casamento para o futuro cônjuge; (3) um terceiro declarar a fórmula do casamento.²⁷ Interessantemente, os três tipos de proclamação na fórmula do casamento estão de acordo com as três versões da fórmula do pacto de Rendtorff.²⁸ Nesse sentido, há pelo menos uma espécie de semelhança ou conexão em termos de relação vinculativa entre a fórmula do casamento e a fórmula do pacto.²⁹ A fórmula descritiva no casamento é a forma de um documento escrito. O ponto marcante que Sohn faz sobre a fórmula descritiva no casamento é que ela “é usada para a relação entre YHWH e seu povo” (Sohn, 1999, p.366). Especialmente, o uso do termo hebraico, *laqach*, que é usado para expressar a fórmula descritiva do casamento, faz o ponto “como um termo de eleição e modificou a fórmula do casamento para a fórmula da eleição”³⁰. Assim, através de toda a afirmação acima, Sohn sugere como palavra conclusiva:

24 Ibid., p.84.

25 Ibid., p.358.

26 Falk descreve o significado do casamento em relação à lei de Moisés também. Assim como o princípio da relação entre Deus e Seu povo é baseado no pacto, o casamento também não é apenas o do acordo entre os cônjuges, mas da fidelidade obrigada, que é derivada do conceito de pacto. Veja Ze'ev W. Falk, *Introdução à Lei Judaica do Segundo Commonwealth* (Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1978), p.276-95. Weinfeld, 1975, p.278. Cf. Beacham, 2011, 113, n. 10.

27 A fórmula do casamento é “Tu és minha esposa ou tu és meu marido.” Para as formas linguísticas detalhadas e explicações, veja Sohn, 1999, p.360-3. Cf. Ze'ev W. Falk, *Lei Hebraica nos Tempos Bíblicos: Uma Introdução* (Jerusalém: Wahrman Books, 1964), p.134-46.

28 Veja as três versões da fórmula do pacto de Rendtorff acima. Rendtorff considera até a primeira e a segunda versões como a fórmula do pacto, enquanto Smend considera apenas a terceira versão como a fórmula do pacto. A fórmula de proclamação reconhece todos os três tipos de declaração em seu casamento também.

29 Sohn diz que a proclamação oral tem o mesmo efeito em estabelecer a natureza da relação vinculativa no conceito de pacto. Veja Sohn, 1999, p.363. Como evidência bíblica, Sohn dá um exemplo de Oséias 2:19-20, “Desposar-vos-ei a mim para sempre; Sim, desposar-vos-ei a mim em justiça e em retidão, em amor e em compaixão, e desposar-vos-ei a mim em fidelidade. Então, conhecereis o Senhor”. Este trecho certamente apoia que a fórmula do pacto é modificada a partir da fórmula do casamento. Veja também J. Lanier Burns, “O Uso Bíblico do Casamento para Ilustrar Relações Coventais,” *Bibliotheca Sacra* 173 (2016): p.280-282. Para termos linguísticos detalhados e usos sobre o casamento, consulte a seção “Israel, a Noiva de YAHWEH”, na monografia de Sohn referente à eleição divina. Seock-Tae Sohn, *A Eleição Divina de Israel* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1991), p.11-44.

30 Ibid., 366. Para uma explicação mais detalhada sobre a relação da fórmula do casamento com a fórmula da eleição, veja Sohn, 1999, p.366-7. Cf. Rendtorff também menciona a relação entre pacto e eleição ao introduzir e analisar Neemias 9. Rendtorff, 1998, p.3. Veja também Sohn, 1991, p.11-16.

Quanto à própria forma do pacto, ela varia de caso a caso. Portanto, é muito difícil recorrer a uma fórmula que possa ser aplicada a todos os casos. No entanto, dificilmente podemos negar que o cerne da fórmula do pacto é a frase que estabelece a relação Yahweh-Israel: “Vós sereis o meu povo e eu serei vosso Deus”. E isso está primariamente relacionado ao conceito de Casamento (Sohn, 1991, p.189).³¹

APOCALIPSE 21 E GÊNESIS 17 NO CONCEITO DA FÓRMULA DO PACTO

Mantendo o conceito do pacto e sua fórmula acima em mente, este artigo expõe como Apocalipse 21.3 e 7 tem uma relação com Gênesis 17.7-8, ao colocar a fórmula do pacto no centro da conexão. A análise de Apocalipse 21.3 vem primeiro com a interpretação do lugar de habitação de Deus e a relação entre o povo de Deus e a Nova Jerusalém. Em segundo lugar, como a fórmula do pacto em Apocalipse 21.7 corresponde diretamente a Gênesis 17.7-8, a próxima seção analisa a relação de Apocalipse 21.7 com Gênesis 17.7-8, que, em última análise, corresponde também a Apocalipse 21.3 no que diz respeito à fórmula do pacto.³²

O TABERNÁCULO DE DEUS ENTRE SEU POVO EM APOCALÍPSE 21.3

31 Em sua conclusão, Kalluveettil enfatiza a união de duas partes através da declaração do pacto. Este é o conceito básico que permeia toda relação pactual de acordo com Kalluveettil. Ele diz: “A ideia de ‘Eu sou seu, você é meu’ está subjacente a toda declaração de pacto. Isso implica um vínculo quase familiar que faz de irmãos e filhos. O ato de aceitar o outro como próprio reflete a ideia básica do pacto: uma tentativa de estender o vínculo de sangue além da esfera da parentesco, ou, em outras palavras, fazer do parceiro sua própria carne e sangue.” Paul Kalluveettil, *Declaração e Pacto: Uma Revisão Abrangente das Fórmulas Pactuais do Antigo Testamento e do Antigo Oriente Próximo* (Roma: Biblical Institute Press, 1982), 212. A propósito, Sohn trata também com a fórmula de adoção em relação à fórmula de casamento como a origem da fórmula do pacto, dizendo: “há semelhanças entre a fórmula do pacto e a fórmula de adoção em seus respectivos termos, fórmulas e conceitos.” Sohn expõe o conceito de adoção em duas categorias: (1) Fórmula de Proclamação; (2) Fórmula Descritiva, da mesma forma que a explicação com a fórmula de casamento. Veja Sohn, 1999, p.368-72.

32 O conceito de fórmula do pacto de Rendtorff acima, que conta três versões, ajuda a conectar Apocalipse 21:3 e 7 com Gênesis 17:7-8.

A compreensão da teologia do Antigo Testamento a respeito do tabernáculo e do templo é o elemento chave para analisar Apocalipse 21.3 (“kai êkousa phônēs megalēs ek tou thronou legousēs: Idou hē skēnē tou theou meta tōn anthrōpōn, kai skēnōsei met’ autōn, kai autoi laoi autou esontai, kai autos ho theos met’ autōn estai [autōn theos]”) (Hoskins, 2017, p.428). O tema do v. 3 é “a relação próxima que Deus terá com seu povo na eternidade,” que acontece no tabernáculo de Deus da Nova Jerusalém (Smalley, 2005, p.538). O termo grego skēnē (“tabernáculo ou lugar de habitação”) tem uma relação próxima com o verbo hebraico schachan (“para permanecer ou tabernaculário”), que está relacionado a shekinah (“a presença gloriosa de Deus”).³³ Osborne afirma que shekinah “significava comunhão entre Deus e seu povo” (Osborne, 2002, p.734). Além disso, ele traz dois aspectos sobre a shekinah: primeiro, de João 1.14, ele traz o Cristo encarnado; segundo, ele menciona aqui em Apocalipse 21.3, em que “a comunhão entre Deus e seu povo é física e absoluta” porque Deus habitará entre eles.³⁴ Quanto à razão pela qual o vidente escolheu o termo skēnē, os estudiosos sugerem alguns pontos. Caird afirma que João escolheu usar o termo porque “implica que a promessa da presença de Deus já teve cumprimentos constantes no passado onde quer que Israel tenha sido fiel ao seu chamado” (Caird, 1966, p.263). Apontando as mesmas consoantes entre as palavras gregas e hebraicas para tenda, Witherington menciona: “portanto, as alusões ao hebraico são mais óbvias, e o som semelhante evocaria várias coisas para os cristãos judeus ouvindo isso sendo lido” (Witherington III, 2003, p.255).

33 Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1977), p.371. Veja também, Henry Barclay Swete, *The Apocalypse of St John: The Greek Text with Introduction Notes and Indices* (Londres: Macmillan, 1911), p.278. Paige Patterson, *Revelation, The New American Commentary* vol. 39 (Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2012), 363. Bem Witherington III, *Revelation* (Cambridge University Press, 2003), p.255. No entanto, há uma discordância com a conexão entre skēnē e Shekinah porque “o termo shekinah não era comumente usado antes do segundo século EC.” Craig R. Koester, *Apocalipse: Uma Nova Tradução com Introdução e Comentários* (New Haven: Yale University Press, 2014), p.797.

34 *Ibid.*, p.734.

É interessante que o fato de a presença de Deus “não pode ser limitada aos limites da Jerusalém literal e seu Templo” está relacionado à restauração do tabernáculo (Smalley, 2005, p.538). Em outras palavras, a comunhão entre Deus e Seu povo sempre esteve presente com a gloriosa presença de Deus, shekinah. No entanto, a comunhão foi destruída pelo pecado do povo de Deus, o que resultou na encarnação do Filho de Deus. Essa foi a glória única entre os homens. A restauração completa e total do tabernáculo agora é realizada na Nova Jerusalém por skēnē. Devido ao tabernáculo de Deus descer entre os homens com Sua perfeição e completude, é possível que o povo de Deus esteja com Deus na nova Jerusalém.³⁵ Esse tabernáculo na Nova Jerusalém não é mais como “o tabernáculo de Deus no deserto, no qual Deus habitava” no sentido de estar junto com os homens (Walvoord, 1966, p.314). Nesses lugares, na Nova Jerusalém, as pessoas agora podem viver sem morte, mesmo que vejam a glória de Deus, além disso, “não há lugar para qualquer tipo de racismo no domínio final de Deus” (Witherington, 2003, p.255).

Há outro aspecto relacionado à inspiração do AT ou ao contexto para entender Apocalipse 21.3. Acadêmicos afirmam que Levítico 26 e Ezequiel 37 aludem ao conceito e ao contexto de Apocalipse 21.3.³⁶ Isso ocorre porque esses três trechos compartilham uma ideia comum, que é a combinação de um conceito: a habitação de Deus com Seu povo mais a fórmula da aliança. No entanto, o uso de Levítico e Ezequiel é refutado por Êxodo 29.45, que mostra o mesmo elemento: vesakanti betok bene yisrael vehayiti lahem lelohim (“Eu habitarei entre os filhos de Israel e serei o seu Deus”). Citando Êxodo 29.45, Hoskins afirma, “Começando com Êxodo 29.45, Deus associa repetidamente a habitação com Seu povo a ‘Eu serei o seu Deus’, e Ele frequentemente acrescenta, ‘Eles serão o meu povo’” (Hoskins,

2017, p.428). Portanto, as várias partes do AT aludem ao conceito do lugar de habitação de Deus e à fórmula da aliança em Apocalipse 21.3. Em outras palavras, a Nova Jerusalém, que desce do céu, considera o conceito de tabernáculo e a fórmula da aliança como sua ideia essencial.

O aspecto mais importante é que essa ideia de tabernáculo em relação à fórmula da aliança leva à relação entre o povo de Deus e a Nova Jerusalém. Hoskins, ao mostrar quatro etapas do tabernáculo e do templo na narrativa bíblica, analisa o avanço progressivo em direção à realização do lugar de habitação de Deus: (1) “Deus habita no tabernáculo ou no templo no Monte Sião em Jerusalém”; (2) Jesus como uma realização mais completa do lugar de habitação de Deus, mas incompleta; (3) continuação da realização entre a primeira vinda de Jesus e Sua segunda vinda; (4) realização completa da habitação de Deus na Nova Jerusalém.³⁷ Em última análise, o lugar de habitação de Deus é realizado na Nova Jerusalém. Então, o que justifica em termos do povo de Deus em relação à Nova Jerusalém? Explicando a consumação, especialmente sobre a Nova Jerusalém, Guthrie afirma:

A Nova Jerusalém claramente se destina a contrastar com a antiga, e ainda vai consideravelmente além dela em seu escopo. Não está mais restrita a conceitos judaicos. Não tem necessidade de um templo, pois Deus mesmo habita lá. Representa uma comunidade universal dedicada ao culto de Deus. Já vimos que essa é a representação perfeita da igreja (Guthrie, 1987, p.118-9).

Como a Jerusalém no AT inclui pessoas, a Nova Jerusalém inclui o povo de Deus sem dúvida

35 Ver o fluxo lógico da restauração da comunhão entre Deus e Seu povo em John R. Yeatts, *Revelation, Believers Church Bible Commentary* (Scottsdale, PA: Herald Press, 2003), p.401.

36 Ver Swete, 1911, p.278; Smalley, 2005, p.537; Witherington, 2003, p.255; Koester, 2014, p.797.

37 Ibid., p.428. Cf. Ladd também, que pensa que a comunhão direta entre Deus e Seu povo é o objetivo de toda redenção, desdobra o lugar de habitação de Deus no AT em ordem: tabernáculo – templo – vinda de Cristo entre os homens – Igreja – Consumação na Nova Jerusalém. George Eldon Ladd, *A Commentary on the Revelation of John* (Grand Rapids, MI: Williams B Eerdmans Publishing Co., 1972), p.277.

(Keener, 2000, p.486). Apocalipse 3.12 diz que os fiéis crentes serão uma coluna do templo de Deus. Mas, como os fiéis se tornam a coluna do templo na Nova Jerusalém onde não há mais templo e o que isso significa? Boring diz: “não haverá templo na cidade santa, pois a cidade como um todo é a comunidade de crentes, o templo no qual Deus habita” (Boring, 1989, p.219).³⁸

O fluxo lógico acima sobre a relação entre o povo de Deus e a Nova Jerusalém pode dar uma resposta à pergunta no início do artigo: “Por que o apóstolo João escolhe a forma plural em *laoi*?”. Essa pergunta precisa ser respondida para acessar a questão fundamental do presente artigo: “Quem é o povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7?”. Acadêmicos apoiam o uso de *laoi* em vez de *laos* por dois motivos: 1) Melhor evidência manuscrita;³⁹ 2) Cumprimento da promessa do AT.⁴⁰ A escolha de *laoi* é significativa, porque ajuda a conectar a relação de aliança entre Deus e Seu povo com o conceito escatológico do povo de Deus na Nova Jerusalém. Baseando-se em Apocalipse 5.9,⁴¹

³⁸ As literaturas judaicas primitivas também apoiam o conceito do povo de Deus na Nova Jerusalém, vindo de todas as línguas e nações: “O novo templo/Jerusalém representa bênçãos escatológicas. A mais importante delas é a reunião dos israelitas e das nações na cidade (cf. Tb 13:9-17; 14:5-7). De acordo com 1 En. 90:36, o povo de Deus

encherá a nova Jerusalém. A reunião dos israelitas é vista como o clímax da glorificação da nova Jerusalém (Br 4:36-37; 5:1-4 e 5:5-6).” Jan A du Rand, “A Nova Jerusalém como Pináculo da Salvação: Texto (Ap 21:1-22:5) e Intertexto”, *Neotestamentica* 38, n.º 2 (2004): p.285.

³⁹ Mathewson fornece informações sobre manuscritos, dizendo: “alguns manuscritos (P 051 1006 1611 1841 1854 2062 Mk) têm o singular *laos* enquanto outros (A 046 2030 2050 2053 2062txt 2329 Ma) apoiam o plural *laoi*.” David L. Mathewson, *Apocalipse: Um Manual sobre o Texto Grego* (Waco, TX: Baylor University Press, 2016), p.284. Veja também G. K. Beale, *O Livro do Apocalipse: Um Comentário sobre o Texto Grego*, *O Novo Comentário Internacional do Testamento Grego* (Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1999), p.1048.

⁴⁰ Keener afirma que a forma plural “cumprirá a promessa de que muitas nações se tornarão o povo de Deus e Ele viverá no meio deles (Zec. 2:11; cf. Isa. 19:25).” Keener, 2000, p.487. Cf. David E. Aune, 1998, p.17-22, *Comentário Bíblico Word vol. 52C* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1998), p.1123. Osborne diz: “Na eternidade, todas as distinções étnicas e raciais desaparecerão, e seremos um.” Ele continua explicando que essa expressão talvez venha de Jeremias 31:33b, a fórmula de aliança, que foi cumprida, 1) parcialmente em Cristo como a nova aliança, 2) plenamente na Nova Jerusalém. Osborne, 2002, p.734. Veja também Smalley, 2005, p.538; Mounce, 1977, p.372.

⁴¹ “...porque fostes morto e compraste para Deus com o vosso sangue homens de toda tribo, língua, povo e nação.”

Hoskins chega à conclusão: “O povo da Nova Jerusalém inclui tanto judeus quanto gentios (as ‘nações’), o que é um tema que aparecerá várias vezes em Apocalipse 21-22. O povo de Deus em sua plenitude experimentará a bondade de ter Deus verdadeiramente habitando no meio deles” (Hoskins, 2017, p.429).

No entanto, é interessante que Apocalipse 21.7 é a continuação de Apocalipse 21.3 em termos do tema do povo de Deus.⁴² Além disso, a verdadeira identidade do povo de Deus de toda língua e nação, na Nova Jerusalém, é revelada e exposta por uma condição única e singular em Apocalipse 21.7. A próxima e última seção do artigo se dirige à verdadeira identidade do povo de Deus em relação a Gênesis 17.7-8, refletindo o conceito da fórmula de aliança como ponto de conexão.

O POVO DE DEUS NA FÓRMULA DE ALIANÇA: APOCALÍPSE 21.7 E GÊNESIS 17.7-8

Antes de proceder à análise de Apocalipse 21.7 e sua relação com Gênesis 17.7-8, é necessário voltar e prestar atenção à metodologia e a toda a estrutura do presente artigo: padrão de cumprimento de promessa. Vale a pena citar na íntegra o que Dumbrell afirma:

Podemos notar de passagem a confluência de imagens que ocorreu em Rev 21-22. Nova Aliança, Nova Criação, novo povo, tudo fluindo para essa grandiosa descrição da Nova Jerusalém em que pessoas e lugar são combinados. Esse endosso de continuidade com as projeções do AT nos encoraja a recorrer ao AT para as origens dos conceitos. Por outro lado, a ênfase na novidade em Rev 21-22 nos obriga a reconhecer que o AT apenas preparava-nos de forma inadequada para o que é encontrado nesta visão de cumprimento (Dumbrell, 1985, p.4).

Quando se trata de fazer uma conexão de Apocalipse 21.7 com a passagem de fundo do AT, este artigo

⁴² *Ibid.*, p.433.

não segue os estudiosos que mencionam Levítico ou Ezequiel como seu principal ou básico fundamento de conexão da fórmula de aliança. Em vez disso, o presente artigo argumenta que Gênesis 17.7-8 é a promessa original da fórmula de aliança em relação a Apocalipse 21.7 e o conceito do povo de Deus nele, de acordo com o padrão de cumprimento de promessa. Como Rendtorff afirma: “Isso (Gênesis 17.7) é a primeira ocorrência da fórmula de aliança no Pentateuco e, conseqüentemente, tem peso extremo”, esta seção trata da conexão de aliança entre Gênesis 17.7-8 e Apocalipse 21.7 (Rendtorff, 1998, p.43).

Apocalipse 21.7 diz: “Quem vencer herdará estas coisas, e eu serei seu Deus e ele será meu filho” (“ho nikōn klēronomēsei tauta kai esomai autō theos kai autos estai moi huios”). Uma das características importantes do versículo é a forma participio ho nikōn (“aquele que vence”). É porque a frase participio é a única condição para receber herança e entrar na relação com Deus como pai-filho. Então, quem é o vencedor? Um fato claro é que “aqueles que negam Cristo e são atraídos pelos encantos da prostituta para seguir a besta não têm herança na família de Deus” (Mounce, 1977, p.374). Alguns estudiosos levam a ideia do vencedor a circunstâncias paradoxais, dizendo: “ironicamente, à medida que a besta ‘conquista’ eles, tomando suas vidas, eles o conquistam, dando suas vidas” (Osborne, 2002, p.739), ou “O Conquistador, a vítima da perseguição, entrará em seu reino e será chamado filho de Deus” (Caird, 1966, p.267). No final, o vencedor é aquele que mantém sua fé no Cordeiro e não segue o culto secular (Yeatts, 2003 p.403; Ladd, 1972, p.279; Boring, 1989, p.217; Beale, 1999, p.1057).

Após compreender o conceito de ho nikōn, para descobrir a identidade do povo de Deus, é necessário lidar com a frase do pacto, a expressão mais crucial em Apocalipse 21.7 “Eu serei seu Deus e ele será meu filho”. Esta frase lembra diretamente o leitor de Gênesis 17.7-8. Embora existam muitas passagens no AT que enunciam a frase do pacto, deve-se destacar a aliança abraâmica, especialmente Gênesis 17.7-8, que se refere à

fórmula do pacto em Apocalipse 21.7. Isso ocorre porque não apenas a frase da fórmula do pacto aparece pela primeira vez em Gênesis 17.7-8, mas também “todas as promessas da aliança de Deus com os homens, feitas primeiro através de Abraão, renovadas por Moisés e incorporadas em Cristo, são finalmente realizadas” (Ladd, 1972, p.277). Além disso, esta fórmula do pacto em Apocalipse 21.7, em relação a Gênesis 17.7-8, explica qual é a herança final prometida ao vencedor, o que afeta a identidade do povo de Deus na Nova Jerusalém no final.

Keener diz: “A promessa de que Deus será o Deus do seu povo e que eles serão o seu povo é o componente mais básico da antiga fórmula de aliança” (Keener, 2000, p.488). Além disso, Aune confirma a origem da fórmula de aliança ao dizer: “Esta (fórmula de aliança) pode ser baseada em uma antiga fórmula de adoção israelita, ou seja, as verba solemnita, ‘palavras solenes’, usadas para formalizar publicamente as relações legais de casamento e adoção” (Aune, 1998, p.1129). Isso está relacionado ao argumento do pai-Deus em Apocalipse 21.7. Aquele que vencer herdará essas coisas e Deus será o seu ‘Deus’, não o seu ‘pai’, mas ele será filho de Deus. A razão da seleção do termo é que “os crentes são apenas filhos e filhas de Deus em um sentido derivado” (Witherington III, 2003, p.256; Patterson, 2012, p.366; Yeatts, 2003, p.403). O resultado teológico do argumento do pai-Deus afeta a herança final prometida ao vencedor. Para explicar a herança em Apocalipse 21.7, portanto, é necessário referir-se a Gênesis 17.7-8, que mostra o conceito de ‘uma aliança eterna’, porque a promessa da herança começa com Abraão. Gênesis 17.7-8 diz: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti, por suas gerações, para ser uma aliança eterna, para ser Deus para ti e para a tua descendência depois de ti”. A fórmula de aliança é a linha de conexão entre Apocalipse 21 e Gênesis 17, e a promessa de Deus é uma aliança eterna, que afeta os descendentes de Abraão.⁴³ Portanto,

como os descendentes de Abraão, no verdadeiro sentido, são os vencedores em Apocalipse 21.7, a expressão ‘uma aliança eterna’ desempenha um papel significativo para entender o que a herança significa, o que implica que “...Apocalipse 21.7 está prevendo um futuro para o povo de Deus que será uma continuação do cumprimento da promessa de Deus a Abraão” (Hoskins, 2017, p.434). O conteúdo da promessa de Deus aos descendentes de Abraão é a terra de Canaã. Quando se aplica o caráter futurista da aliança eterna de Deus a Apocalipse 21.7, pode-se entender que “a herança prometida à semente de Abraão cresceu em alcance e magnificência muito além de Canaã”, o que significa que “a herança final para o povo de Deus é a Nova Jerusalém.”⁴⁴

Ao dizer que a Nova Jerusalém é a recompensa para aqueles que perseveraram, Osborne afirma, de forma impressionante, que “a maior bênção de todas é o incrível fato de esomai autō theos kai autos estai moi huios (Eu serei Deus para cada um deles, e eles serão meus filhos)” (Osborne, 2002, p.740). Em outras palavras, sua afirmação é que a própria fórmula da aliança é a maior bênção para o povo de Deus, o que implica que a fórmula da aliança

pode ser aplicada à identidade do povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7. O povo de Deus habita com a fórmula da aliança. O povo de Deus confirma sua identidade vivendo com Deus em Sua presença. No mesmo contexto, Wall também afirma que “a história da existência humana sob a nova ordem é caracterizada tanto pela ausência do mal e seus vários efeitos (por exemplo, secularismo, injustiça, sofrimento, morte) quanto pela presença de Deus que ‘tabernáculo’ com a comunidade adoradora” (Wall, 1991, p.245). Ou seja, a identidade do povo de Deus depende da habitação de Deus com eles. Aqueles que vencem no Cordeiro, seja ‘humanidade (“anthrōpōn”)’ ou ‘povos (“laoi”)', vivem com Deus em Seu tabernáculo, o que está relacionado à fórmula do casamento, a origem da fórmula da aliança. Esta é a relação que é permitida apenas àqueles que são vencedores e àqueles que mantêm sua fé em Cristo. Portanto, a identidade do povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7 tem uma forte relação com Gênesis 17.7-8 através da fórmula da aliança, que exige permanecer no Cordeiro, pagando o preço por sua fé na graça da aliança eterna de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7 são as pessoas da aliança, de toda língua e nação. O caráter vinculante e relacional da fórmula da aliança como instrumento de controle flui sob a relação entre Deus e Seu povo na Nova Jerusalém, em conexão com Gênesis 17.7-8. O presente artigo tratou, primeiro, do conceito de aliança em relação ao do Antigo Oriente Próximo e da origem da fórmula da aliança; depois, analisou Apocalipse 21.3 em termos da habitação de Deus com Seu povo através da fórmula da aliança. Na última seção, apresentou como Apocalipse 21.7 em relação com Gênesis 17.7-8, através da fórmula da aliança, para que se pudesse deduzir a identidade do povo de Deus a partir da conexão dos dois. A identidade do povo de Deus em Apocalipse 21.3 e 7 tem uma forte conexão com Gênesis 17.7-8, pela fórmula da aliança, e o povo de Deus se revela

vencedores em Apocalipse 21:7 é bem descrita em Romanos 4 e Gálatas 3. Veja Apocalipse 5.9; 7.9, 14; 14.4-5, 12. Cf. Robert A. Pyne, “A ‘Semente,’ o Espírito e a Bênção de Abraão,” *Bibliotheca Sacra* 152 (1995): p.211-22; Leonhard Goppelt, *Typos: A Interpretação Tipológica do Antigo Testamento no Novo*, trad. Donald H. Madvig (Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1982), p.136-40; Max Wilcox, “A Promessa da ‘Semente’ no Novo Testamento e nos Targumim,” *Journal for the Study of the New Testament* 5 (1979): p.2-20; T. Desmond Alexander, “Observações Adicionais sobre o Termo ‘Semente’ em Gênesis,” *Tyndale Bulletin* 48, no. 2 (1997): p.366; Ryan Schellenberg, “Semente de Abraão (Friesen?): Universalidade e Etnia em Paulo,” *Direction* 44, no. 1 (2015): p.16-29.

44 *Ibid.*, p.434. Em relação à herança (“tauta”), os estudiosos concordam implicitamente com a visão de Hoskin. Swete afirma: “A herança do conquistador incluirá o conteúdo desta visão (*tauta*) - a nova criação com suas imunidades de tristeza e morte, a presença de Deus, a consciência de uma relação filial com Ele e a Água que aplaca a sede e vivifica a vida da alma humana.” Swete, 1911, p.281. Keener diz: “Aqui os vencedores herdam ‘tudo isso,’ ou seja, o mundo novo e sem tristeza que Deus preparou para eles (Apocalipse 21:1-6).” Keener, 2000, p.488. Osborne menciona com uma nuance ligeiramente diferente, mas na mesma página: “a Nova Jerusalém é a realidade que finaliza as esperanças do povo de Deus e os recompensa por tudo o que suportaram.” Osborne, 2002, p.727. Aune acrescenta: “O pronome ταῦτα, “estas coisas,” refere-se às bênçãos da salvação escatológica enumeradas no v. 4 (ou seja, sem tristeza, morte, luto, lágrimas ou dor).” Aune, 1998, p.1129. Portanto, a Nova Jerusalém é a herança prometida, confirmada pelo pacto eterno de Deus em Gênesis 17.7-8.

como verdadeiros crentes, pela promessa eterna da aliança de Deus e por manterem sua fé em Cristo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. Desmond. "Further Observations on the Term 'Seed' in Genesis," Tyndale Bulletin 48, no. 2 (1997): 363-367.

AUNE, David E. Revelation 17-22. Word Biblical Commentary vol. 52C. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1998.

BEACHAM, Roy "Ancient Near Eastern Covenants." Journal of Ministry & Theology vol. 15 (2011): 110-128.

BEALE, G. K. The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text. The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

BORING, M. Eugene. Revelation. Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville: John Knox Press, 1989.

BURNS, J. Lanier "The Biblical Use of Marriage to Illustrate Covenantal Relationships." Bibliotheca Sacra 173 (2016): 273-296.

CAIRD, G. B. A Commentary on the Revelation of St. John the Divine. New York: Harper & Row Publishers, 1966.

DUMBRELL, William J. The End of the Beginning: Revelation 21-22 and the Old Testament. The Moor Theological College Lectures 1983. Homebush West, N.S.W.: Lance Books, 1985.

ELWELL, Walter A. ed., Evangelical Dictionary of Theology. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001. s.v. "Covenant" by G. L. Archer Jr. Falk, Ze'ev W. Introduction to Jewish Law of the Second Commonwealth. Leiden, The Netherlands: E. J. Brill, 1978.

_____. Hebrew Law in Biblical Times: An Introduction. Jerusalem: Wahrman Books, 1964.

Freire, Lucas G. "Covenant and International Relations in the Ancient Near East: A Preliminary Exploration." Antiquo Oriente vol. 11 (2013): 129-154.

GOOD, Robert McClive. The Sheep of his Pasture: A Study of the Hebrew Noun 'Am(m) and Its Semitic Cognates. Chico, CA: Scholars Press, 1983.

GOPPELT, Leonhard. Typos: The Typological Interpretation of the Old Testament in the New.

trans. Donald H. Madvig. Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1982.

GUTHRIE, Donald. The Revelation of John's Apocalypse. Grand Rapids, MI: William B Eerdmans Publishing Co., 1987.

HASEL, Gerhard F. New Testament Theology: Basic Issues in the Current Debate. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1978.

HORTON, Michael. Introducing Covenant Theology. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2006.

HOSKINS, Paul M. The Book of Revelation: A Theological and Exegetical Commentary. North Charleston, SC: Christodoulos Publications, 2017.

JONES, David W. and John K. Tarwater. "Are Biblical Covenants Dissoluble?: Toward a

Theology of Marriage." Southwestern Journal of Theology vol. 47 no. 1 (2004): 1-11.

KALLUVEETTIL, Paul. Declaration and Covenant: A Comprehensive Review of Covenant Formulae from the Old Testament and the Ancient Near East. Rome: Biblical Institute Press, 1982.

KEENER, Craig S. Revelation. The NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000.

KLINE, Meredith G. Treaty of the Great King: The Covenant Structure of Deuteronomy-Studies and Commentary. Eugene, OR: Wipac & Stock, 1963.

- KOESTER, Craig R. *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 2014.
- LADD, George Eldon. *A Commentary on the Revelation of John*. Grand Rapids, MI: Williams B Eerdmans Publishing Co., 1972.
- LILLBACK, Peter A. *The Binding of God: Calvin's Role in the Development of Covenant Theology*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2001.
- MATHEWSON, David L. *Revelation: A Handbook on the Greek Text*. Waco, TX: Baylor University Press, 2016.
- MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1977.
- OSBORNE, Grant R. *Revelation. Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002.
- PATTERSON, Paige. *Revelation. The New American Commentary vol. 39*. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2012.
- PYNE, Robert A. "The 'Seed,' the Spirit, and the Blessing of Abraham." *Bibliotheca Sacra* 152 (1995): 211-22.
- RAND, Jan A Du. "The New Jerusalem as Pinnacle of Salvation: Text (Rev 21:1-22:5) and Intertext." *Neotestamentica* 38, no. 2 (2004): 275-302.
- RENDTORFF, Rolf. *The Covenant Formula: An Exegetical and Theological Investigation*. trans. Margaret Kohl. Edinburgh: T&T Clark, 1998.
- ROBERTSON, O. Palmer. *The Christ of the Covenants*. Phillipsburg, NJ: Presbyterial And Reformed Publishing Co., 1980.
- ROEHRS, Walter R. "Covenant Theme of the Old Testament." *Concordia Journal* 3 no. 1 (1977): 25-32.
- SCHELLENBERG, Ryan. "Seed of Abraham (Friesen?): Universality and Ethnieity in Paul." *Direction* 44, no. 1 (2015): 16-29.
- SMALLEY, Stephen S. *The Revelation to John: A Commentary on the Greek Text of the Apocalypse*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005.
- SOHN, Seock-Tae. "'I will be Your God and You Will Be My People': The Origin and Background of the Covenant Formula." in Ki Baruch Hu: *Ancient Near Eastern, Biblical, and Judaic Studies in Honor of Baruch A. Levine*, ed. Robert Chazan, William W. Hallo, and Lawrence H. Schiffman. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1999.
- _____. *The Divine Election of Israel*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1991.
- SWETE, Henry Barclay. *The Apocalypse of St John: The Greek Text with Introduction Notes and Indices*. London: Macmillan, 1911.
- WALL, Robert W. *Revelation: Based on the New International Version. New International Biblical Commentary*. Peabody, Mass: Hendrickson Publishers, 1991.
- WALTON, John H. *Covenant: God's Purpose, God's Plan*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994.
- WALVOORD, John F. *The Revelation of Jesus Christ*. Chicago: Moody Press, 1966.
- WEINFELD, M. "berit" in *Theological Dictionary of the Old Testament*, ed. G. Johannes Botterweck and Helmer Ringgren. trans. John T. Willis. Grand Rapids, MI: Williams B. Eerdmans Publishing Co., 1975.
- WILCOX, Max. "The Promise of the 'Seed' in the New Testament and the Targumim." *Journal for the Study of the New Testament* 5 (1979): 2-20.
- WITHERINGTON III, Ben. *Revelation*. Cambridge University Press, 2003.
- YEATTS, John R. *Revelation. Believers Church Bible Commentary*. Scottdale, PA: Herald Press, 2003.